

Opinião

GRUPO GLOBO

PRESIDENTE
Roberto Irineu Marinho

VICE-PRESIDENTES

João Roberto Marinho - José Roberto Marinho

Valor

4 uma publicação do Valor Econômico S/A, empresa da Infoglobo Comunicação e Participações S/A

DIRETOR GERAL: Frederic Zoghbi Kacur

DIRETORA DE REDAÇÃO: Vera Brandimarte

Principais editores do Grupo Globo: <http://globo.com>

Dados parecem indicar que o pior ficou para trás

São incógnitos os sinais de mudança de humor na economia. Os dados disponíveis, embora ainda incipientes, parecem indicar que o pior da crise econômica ficou para trás. Há indicadores que alimentam a esperança de que a retomada do crescimento já teve início ou está próxima de acontecer.

O ânimo que começa a tomar conta dos empresários foi reforçado pela divulgação da taxa de inflação de janeiro, que ficou em 0,38%, o mais baixo para o mês da série histórica do IBGE. O indicador é importante por, pelo menos, dois motivos.

Em primeiro lugar, ele reforça a convicção de que o Banco Central poderá continuar em ritmo forte de redução da taxa básica de juros da economia (a Selic), sem que isso cause desconfiãça. A constatação de que o BC está reduzindo a taxa de juros de forma sustentável melhora o ambiente de negócios, pois dá previsibilidade aos empresários.

Depois, a queda continuada da inflação resultará em aumento da renda real da população, ou seja, em aumento da capacidade de consumo das famílias. Não é possível falar em volta do crescimento econômico sem melhoria no poder aquisitivo da população. O aumento do consumo dependerá também da normalização das operações de crédito, que foram afetadas pelo elevado endividamento das famílias e das empresas.

A recente melhora do ambiente foi constatada por pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). O Índice de Confiança Empresarial (ICE) — que agrega os setores de serviço, indústria, construção civil e comércio — subiu 3,8 pontos percentuais entre dezembro e janeiro. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) subiu de 73,1 pontos para 79,3 pontos — a maior alta desde janeiro de 2006. Embora avançando, os dois índices continuam em terreno pessimista.

Os chamados indicadores antecedentes da atividade econômica para janeiro ainda não são conhecidos. Mas, em dezembro, eles apresentaram melhora significativa. A produção de papelão ondulado, caixa, acessórios e chapas, um dos indicadores clássicos do nível da atividade, apresentou um crescimento de 1,3% na comparação com

o mês anterior, já dessazonalizado.

Um dos dados mais impressionantes foi a elevação de 4,8% no movimento do pedágio de veículos pesados em dezembro, em comparação com novembro. O consumo de energia elétrica, outro indicador antecedente clássico do nível de atividade, subiu 0,6%, enquanto as importações do país apresentaram elevação de 3,7%.

Já o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) informou que houve crescimento de 3,9% nos investimentos em dezembro, na comparação com novembro de 2016, na série com ajuste sazonal.

Apesar da melhoria da confiança de empresários e consumidores, porém, alguns dados de janeiro não reagiram. O licenciamento de veículos (automóveis, comerciais leves, motocicletas, caminhões e ônibus) medido pela Fenabrave, entidade que reúne as concessionárias, recuou 3,2% de dezembro para janeiro, segundo cálculos dessazonalizados pela MCM Consultores.

O movimento das lojas da cidade de São Paulo caiu 5% em janeiro sobre igual mês de 2016, com retração de 3,8% e 6,2% nas compras a prazo e à vista, respectivamente, segundo a Associação Comercial de São Paulo (ACSP).

De outro lado, o índice da FGV que mede o nível de utilização da capacidade instalada da indústria (Nuci), avançou de 72,9% para 74,6% de dezembro para janeiro.

Embora ainda contraditórios, a maioria dos dados disponíveis parece apontar na direção da retomada do crescimento. Ela pode não acontecer no primeiro trimestre deste ano, que poderá registrar uma estabilização econômica, como projeta parte expressiva dos analistas do mercado. Mas tudo indica que no segundo trimestre o país já estará crescendo.

O clima de maior otimismo parece resultar da constatação feita pelo economista Armínio Fraga, em recente entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo. Ele disse que "aquela sensação de que o Brasil era um trem desgovernado passou". E, convenhamos, isso não é tudo, mas também não é pouco. Cabe ao governo continuar encaminhando as reformas econômicas indispensáveis para o equilíbrio das contas públicas e para a melhoria do ambiente de negócios.



Desde 1967 agência investe em novos mercados, novas áreas de conhecimento. Por **Marcos Cintra**

A Finep e o BNDES são indispensáveis para o país

De debates sobre a melhoria da gestão pública tornam-se páginas da grande imprensa e é natural que haja alguma polêmica, dadas as diferentes perspectivas que se apresentam. Entre elas, causa surpresa a opinião do economista Nilson Teixeira, que defende a aborção da Finep pelo BNDES em artigo publicado em 17/1/17. Não é uma ideia nova, já manifestada em outro artigo do mesmo autor, publicado em agosto do ano passado com o título de "Privatizações reduzem subsídios".

Trata-se de um viés racional-gestencialista que pretende eliminar a possibilidade de sobreposição dos apoios concedidos pelo Estado. Há mérito, mas não se pode dar crédito à proposta, dadas os modelos institucionais que estão postos.

O BNDES é um banco. Tem um ethos que prioriza o financiamento público para a reprodução do capital, contribuindo para o crescimento econômico e a geração de empregos com a aplicação de modelos que concedem estímulos para que o empresário se sujeite ao risco econômico inerente aos seus investimentos.

A Finep é uma agência de fomento. Seus financiamentos lidam com o mesmo risco econômico, mas acrescido das incertezas tecnológicas dos projetos apoiados. Desde 1967, a Finep se notabiliza por financiar o futuro; investimentos em novas áreas de conhecimento, novos mercados, novas tecnologias. É essencial para o investimento na infraestrutura de pesquisa nacional, e seu trabalho promove sinergias com o CNPq, as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa e outras instituições públicas federais e estaduais. Além disso, a Finep execre um papel indutor, aproximando a Universidade e a Indústria para viabilizar o desenvolvimento de inovações que não seriam concretizadas de forma espontânea.

O BNDES se concentra majoritariamente no financiamento ao investimento em infraestrutura, seja ela pública (saneamento básico,

escolas, portos) ou privada (expansão produtiva). A Finep, por sua vez, corre riscos e se sujeita às incertezas inerentes aos desafios tecnológicos da inovação de seus projetos apoiados. Tem seus processos internos orientados para isso, e sabe lidar com os reveses que podem ocorrer quando, a despeito do empenho e boa-fé das organizações apoiadas não geram os retornos esperados.

Não há outra instituição que exerça as atividades de financiamento à ciência, tecnologia e inovação

Alongos anos, a Finep trilhou uma trajetória de especialização no fomento a tecnologias e indústrias nascentes, permitindo o desenvolvimento de programas de apoio por meio do financiamento subsidiado a empresas, da concessão de subvenção econômica à inovação, da participação societária em empresas nascentes, do financiamento à infraestrutura de pesquisa científica e tecnológica e da promoção da cooperação internacional entre instituições de pesquisa e empresas. As relações firmadas ao longo do tempo permitiram a construção de competências para harmonizar os interesses da academia e da indústria, algo que é crítico para estimular o fortalecimento do Sistema Nacional de Inovação e de difícil transferência para outra instituição. A eliminação de eventuais "redundâncias" no esforço público, portanto, traria prejuízos terríveis, provocando retrocessos graves à ciência, tecnologia e inovação no Brasil.

Ademais, o apoio conjunto de projetos entre BNDES e Finep é virtuoso, pois os empreendedores em questão são submetidos ao escrutínio de equipes técnicas que obedecem a critérios de seleção e acompanhamento distintos. A ameaça da sobreposição de financiamentos é mitigada pela própria articulação entre as duas entidades, tal como vem sendo praticado de forma mais intensa nos últimos anos, com a formulação de programas de apoio conjunto

a diversos setores da economia, tais como o complexo da saúde, a cadeia de petróleo & gás, o segmento de energias renováveis, a indústria química e outros.

É bom lembrar que a Finep se desmembrou no passado do BNDES para apoiar a comunidade acadêmica e a engenharia nacionais. Passados cinquenta anos desde então, não há qualquer indicio de uma menor relevância da sua missão original. Não há outra instituição no Estado brasileiro que exerça as atividades de financiamento à ciência, tecnologia e inovação como o a Finep. Também não diminuiu a relevância nos projetos que são desenvolvidos por seus beneficiários.

Se houver movimento no Governo para uma racionalização das funções, é mais adequado considerar a transferência da carteira de projetos de inovação do BNDES para a Finep, e não o contrário. É reconhecida a competência do maior banco público do país, mas há que se refletir em como preservar a sua atuação sob uma tensão interna entre os projetos de inovação apoiados e os demais investimentos, para que não sejam todos submetidos à lógica da reprodução do capital que deve proteger a sua carteira.

Sim, é preciso ter cuidado para não haver sobreposição nos apoios concedidos. Mas o Brasil não pode andar na contramão da história. Entre as economias mais avançadas onde o setor financeiro privado é capaz de oferecer financiamentos a taxas próximas de zero, há aquelas que não dispõem de um banco público de investimento, mas nenhuma dispensa a existência de uma agência de inovação. No Brasil, o BNDES é indispensável para apoiar o investimento, assim como a Finep é indispensável para o apoio à academia e à indústria para o fomento a ciência, tecnologia e inovação.

Marcos Cintra é presidente da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), autor em Economia pela Universidade Harvard (EUA), professor titular da Fundação Getúlio Vargas e autor do projeto do Imposto Único.

Editorial Adjunta de Redação Claudio Estrele estrele@valor.com.br Devidores de Conteúdo Digital Ronel Brum brum@valor.com.br Editor-coordenador de Opinião Jose Roberto Diniz diniz@valor.com.br Editor-coordenador Mar de Sora Romeros romeros@valor.com.br Chefe de Seção de Opinião Marcos Cintra cintra@valor.com.br Chefe de Redação em Brasília Rodrigo Torres torres@valor.com.br Redação Claudio Estrele estrele@valor.com.br Chefe de Redação em Rio de Janeiro Rafaela Gomes gomes@valor.com.br Assessoria Especialista Alex Rêgo rego@valor.com.br Assessoria de Opinião Gustavo Trombadori trombadori@valor.com.br	Editor de Tendências Carmem e Tecnologia Eryka Silva silva@valor.com.br Editor de Indústria Infraestrutura Ivo Elias elias@valor.com.br Editor de Agropecuária Fernando Lopes lopes@valor.com.br Editor de Ciências Valéria Aguiar aguiar@valor.com.br Editor de S.A. Nilson Neme neme@valor.com.br Editor de Carreiras Sélio Campos campos@valor.com.br Editor de Cultura Silvana Elias elias@valor.com.br Editor de Esportes Adriana Falcão falcao@valor.com.br Editor de Esportes e Tênis Zilka Braga braga@valor.com.br Editor de TI Roberto Martins Romênia Filho romenia@valor.com.br	Editor de Arte/Fotografia Sílvia Salatiello salatiello@valor.com.br Editora Valor Online Patrícia Cielo cielo@valor.com.br Coordenador Inter-Dados William de Jesus jesus@valor.com.br Editoras de Projetos Especiais Cristina Romarim romarim@valor.com.br Tarefas Especiais Carla Casagrande casagrande@valor.com.br Correspondentes Internacionais Ana Carolina Cordeiro cordeiro@valor.com.br Editora do Observatório Jefferson de Aguiar deaguiar@valor.com.br Correspondentes locais Mariane de Medeiros Sousa medeiros@valor.com.br Editoras de Esportes e Tênis Sélio Campos campos@valor.com.br Impressão Impressão e Comunicação impresso@valor.com.br
---	---	--

Editorial Valor Econômico S/A, Av. Francisco Buarque, 1200, Torre New York, 15.º andar - Cotia - São Paulo - SP CEP: 06703-100 - Telefone: 011 3737-1000 Departamentos de Publicidade Impressa e On-Line S.P. Telefone 011 3737-1002, RJ 011 3737-1012, DF 011 3737-1013, BH 011 3737-1014, BR 011 3737-1015 Legal SP 011 3737-1015 Redação 011 3737-1000 Fax 011 3737-1040. Endereço eletrônico www.valor.com.br Serviços de Brasília SRTV, Quadra 701 - Módulo C - Centro Empresarial Norte - sala 603 - Bloco B - CEP 70279-900 Serviços de Rio de Janeiro Rua Marechal Deodoro, 25 - Anexo 2 - Barris Cidade Nova - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20030-240	Publicidade - Online Estratex GLOBO+99F9E + Redirecionamento Daviel Carlos Gomes e Remarcação T+55 (0) 11 3032-2670 M0E5 - 544 Preços/linea	RS - RRSE Remarcação 74 Fax 51 331-6200/332-4413 RS - RRSE & Destino Associações 74 Fax 51 331-6200/332-4417	RJ - RJSE Remarcação 74 Fax 21 311-4932/311-4933 RJ - RJSE & Destino Associações 74 Fax 21 311-4932/311-4933	BR - RJSE Remarcação 74 Fax 21 311-4932/311-4933 BR - RJSE & Destino Associações 74 Fax 21 311-4932/311-4933
---	--	--	--	--